

SELETIVIDADE ALIMENTAR EM CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: INTERVENÇÕES INTERDISCIPLINARES PARA PROMOÇÃO DE HÁBITOS ALIMENTARES SAUDÁVEIS

FOOD SELECTIVITY IN CHILDREN WITH AUTISM SPECTRUM DISORDER:
INTERDISCIPLINARY INTERVENTIONS TO PROMOTE HEALTHY EATING HABITS

Maria Madalena Teixeira¹

 <https://doi.org/10.57108/iesj.2026.6-1.3>

RESUMO

Este trabalho se dedica a investigar a seletividade alimentar em crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), focando nas intervenções interdisciplinares que buscam promover hábitos mais saudáveis. Por meio de uma revisão integrativa da literatura, de caráter qualitativo e bibliográfico, foram analisadas publicações brasileiras e estrangeiras entre 2020 e 2024. O levantamento incluiu pesquisas sobre comportamentos à mesa, os reflexos nutricionais e sociais dessa rigidez alimentar, além das táticas terapêuticas aplicadas por equipes multiprofissionais em variados cenários. O que os dados revelam é que a seletividade não é um evento isolado, mas um fenômeno marcante que limita o repertório nutricional da criança e gera desgaste tanto na sua participação social quanto na rotina de seus familiares. Fica evidente que fatores emocionais, sensoriais e até a condição socioeconômica pesam nesse cenário, provando que orientações puramente dietéticas não dão conta de resolver o problema sozinhas. Os melhores resultados aparecem quando o cuidado une nutrição, fonoaudiologia, psicologia, pediatria e terapia ocupacional, apostando em mudanças graduais na rotina e no acolhimento da família. Por fim, o estudo aponta que ainda faltam evidências sobre o impacto dessas ações a longo prazo, especialmente em contextos de vulnerabilidade social e no sistema público de saúde.

Palavras-chave: transtorno do espectro autista; seletividade alimentar; hábitos alimentares; intervenção interdisciplinar.

ABSTRACT

¹Mestranda do curso de Psicopedagogia - Ivy Enber Christian University. E-mail: madateixeira40@gmail.com

This study investigates selective eating in children with Autism Spectrum Disorder (ASD), focusing on interdisciplinary interventions that aim to promote healthier habits. Through an integrative literature review, of a qualitative and bibliographic nature, Brazilian and foreign publications between 2020 and 2024 were analyzed. The survey included research on table manners, the nutritional and social repercussions of this dietary rigidity, as well as the therapeutic tactics applied by multidisciplinary teams in various settings. The data reveal that selectivity is not an isolated event, but a significant phenomenon that limits the child's nutritional repertoire and generates strain on both their social participation and the routine of their families. It is evident that emotional, sensory, and even socioeconomic factors weigh on this scenario, proving that purely dietary guidelines alone cannot solve the problem. The best results appear when care combines nutrition, speech therapy, psychology, pediatrics, and occupational therapy, focusing on gradual changes in routine long-term impact of these actions, especially in contexts of social vulnerability and within the public health system.

Keywords: autism spectrum disorder; selective eating; eating habits; interdisciplinary intervention.

1 INTRODUÇÃO

No cotidiano de famílias com crianças no Transtorno do Espectro Autista (TEA), a hora da refeição frequentemente se torna um momento de tensão devido à seletividade alimentar. Esse comportamento vai muito além de um simples "não gostar" de comer; ele se manifesta através de uma recusa persistente, dietas extremamente limitadas e uma dependência de rituais rígidos (Gama et al., 2020; Moraes et al., 2021). O reflexo direto disso é sentido na saúde da criança, que pode ter seu crescimento e convívio social prejudicados, exigindo um olhar que integre biologia, sensoriais e comportamento (Molina-López et al., 2021; Santana; Alves, 2022).

Estudos atuais indicam que crianças com TEA têm um perfil alimentar muito específico, marcado por uma resistência severa a novos alimentos e uma preferência clara por itens ultraprocessados (Brzóska et al., 2021; Plaza-Diaz et al., 2021). Na prática, essa rigidez costuma estar ligada a hipersensibilidades (olfato, tato e paladar) e à dificuldade que a criança tem em se autorregular emocionalmente, o que acaba gerando um ciclo de conflitos dentro de casa (Byrska et al., 2023; Margari et al., 2020). Nota-se, ainda, que o suporte que a família recebe e o nível de instrução dos pais influenciam diretamente o sucesso do manejo alimentar (Ateş-Şahinkaya; Acar-Tek; Diguzel, 2020; Paula et al., 2020).

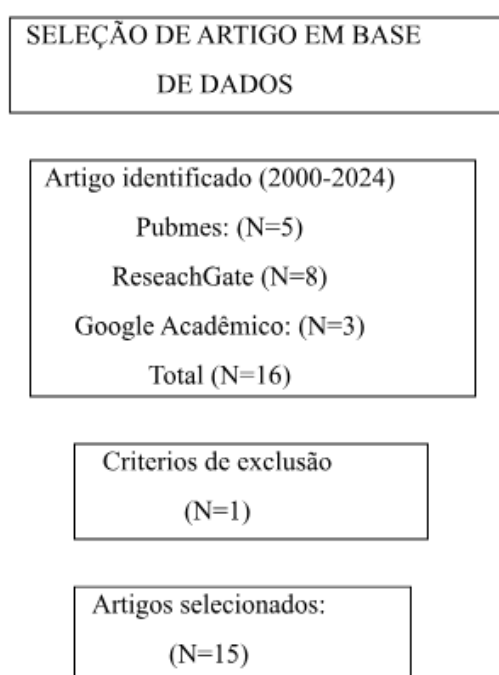
Considerando essa complexidade, o presente estudo objetiva analisar a seletividade alimentar no TEA com foco em intervenções interdisciplinares, baseando-se em evidências publicadas entre 2020 e 2024. Para isso, realizou-se uma revisão integrativa da literatura em bases nacionais e internacionais, selecionando ensaios clínicos e diretrizes que abordam desde o estado nutricional até a participação da família (Monteiro et al., 2020; Santana; Alves, 2022).

As discussões e resultados aqui sintetizados apontam que o tratamento isolado raramente é eficaz. A convergência de profissionais — nutrição, psicologia, terapia ocupacional e fonoaudiologia — em planos compartilhados é o que realmente amplia o repertório alimentar (Esposito et al., 2023; Monteiro et al., 2020). Identificou-se que a combinação de exposição gradual e reforço positivo traz os melhores resultados (Esposito et al., 2023; Kittana et al., 2023). Em suma, conclui-se que o enfrentamento da seletividade exige uma rede de apoio estruturada, onde o foco não seja apenas o comer, mas a melhoria da qualidade de vida global da criança (Alves et al., 2024; Rodrigues et al., 2020).

2 METODOLOGIA

Este trabalho foi construído a partir de uma pesquisa bibliográfica, seguindo uma linha qualitativa e descritiva. A técnica escolhida foi a revisão integrativa, focando especificamente no fenômeno da seletividade alimentar em crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e no impacto das intervenções interdisciplinares para mudar esse quadro. Todo o percurso seguiu um rigoroso planejamento anterior, onde estabeleci a pergunta da pesquisa, o intervalo de tempo analisado e o que seria incluído ou descartado da amostra.

Figura 1- Fluxograma da metodologia da etapa de seleção e inclusão dos estudos



Fonte: elaborado pela autora

Para o levantamento dos artigos, utilizei bases consagradas como SciELO, PubMed, LILACS e o Portal de Periódicos CAPES. O recorte priorizou o que foi publicado entre os anos de 2020 e 2024. A busca foi refinada com termos em português e inglês — unindo palavras-chave como “seletividade alimentar”, “TEA”, “interdisciplinaridade” e “hábitos alimentares” por meio de operadores booleanos. Finalizada essa coleta inicial, organizei os títulos em uma planilha para facilitar a triagem.

A seleção final aconteceu em três momentos: primeiro li os títulos, depois os resumos e, por último, analisei o texto completo dos materiais que realmente respondiam ao tema. Priorizei artigos originais, ensaios clínicos e diretrizes que detalhassem o trabalho de equipes

multiprofissionais. Por outro lado, deixei de fora textos publicados antes de 2020, estudos focados em adultos ou que não tinham a alimentação no autismo como eixo central.

Na fase de análise, montei um quadro para sintetizar os principais pontos de cada obra: autores, ano, país, objetivos e o que foi encontrado de mais relevante. A partir daí, separei os temas por categorias para entender onde as opiniões dos autores se cruzam e onde ainda faltam dados. Como o estudo é estritamente bibliográfico e não envolveu seres humanos, não houve necessidade de passar por um comitê de ética.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

A seletividade alimentar no Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um tema recorrente na literatura científica, manifestando-se por meio de dietas muito restritas, recusa sistemática de novos sabores e uma fixação em rituais durante as refeições (Gama et al., 2020; Moraes et al., 2021). Longe de ser apenas uma "fase" ou escolha simples, esse padrão é estável e gera um sofrimento real tanto para a criança quanto para seus cuidadores, impactando o desenvolvimento físico e a vida social (Paula et al., 2020; Santana; Alves, 2022). Entender esse quadro exige, portanto, uma lente que cruze biologia, comportamento e o contexto sensorial.

Evidências ao redor do mundo mostram que crianças com autismo têm uma propensão maior à neofobia e à preferência por alimentos calóricos, mas pobres em nutrientes essenciais (Brzóška et al., 2021; Plaza-Diaz et al., 2021). Essa inclinação pode resultar em atrasos no crescimento e carências vitamínicas que repercutem por toda a vida (Molina-López et al., 2021; Kittana et al., 2023). Por isso, qualquer plano nutricional precisa partir de um diagnóstico preciso desse perfil. No Brasil, pesquisas indicam que a situação se agrava conforme a condição socioeconômica, onde a restrição alimentar se soma à dificuldade de acesso a itens frescos e saudáveis (Moraes et al., 2021; Alves et al., 2024; Santana; Alves, 2022).

Outro ponto central é a conexão entre o comer e os sentidos. Hipersensibilidades a cheiros, texturas ou cores fazem com que a criança rejeite o alimento antes mesmo de prová-lo, o que desencadeia crises emocionais e comportamentos desafiadores à mesa (Margari et al., 2020; Rodrigues et al., 2020; Byrska et al., 2023). Além das questões sensoriais, a dinâmica familiar exerce um papel decisivo. O nível de instrução dos pais e a saúde mental dos cuidadores moldam as estratégias de manejo; sem o apoio correto, muitas famílias acabam recorrendo a negociações ou coerções que, ironicamente, mantêm a dieta restrita (Ateş-Şahinkaya; Acar-Tek; Diguzel, 2020; Paula et al., 2020; Moraes et al., 2021).

No plano prático, estratégias promissoras associam educação nutricional, exposição gradual e reforço positivo (Monteiro et al., 2020; Molina-López et al., 2021).

Os avanços clínicos costumam ser graduais, demandando metas factíveis e um alinhamento rigoroso entre a equipe e o núcleo familiar (Kittana et al., 2023; Santana; Alves, 2022). A convergência entre o treino de habilidades motoras e o manejo sensorial revela-se eficaz para reduzir a recusa alimentar grave (Esposito et al., 2023; Byrska et al., 2023; Rodrigues et al., 2020). Todavia, nota-se carência de estudos longitudinais que considerem as especificidades da rede pública em países em desenvolvimento (Monteiro et al., 2020; Kittana et al., 2023; Alves et al., 2024).

A mitigação da rigidez alimentar no TEA exige que as intervenções transcendam a mera oferta de novos itens, priorizando a dessensibilização sistemática. Nesse sentido, a literatura reforça que o treino de habilidades à mesa, quando integrado ao manejo das disfunções sensoriais, potencializa a redução da recusa alimentar severa, permitindo que a criança processe gradualmente estímulos de textura, cor e odor (Esposito et al., 2023; Byrska et al., 2023; Rodrigues et al., 2020). Essa abordagem sinérgica é crucial para desconstruir padrões comportamentais inflexíveis, transformando o ato de comer em uma experiência menos aversiva e biologicamente viável.

Diante da natureza multifacetada desse quadro, a atuação interdisciplinar é estabelecida como o eixo central do tratamento qualificado. A convergência de saberes entre nutrição, psicologia, fonoaudiologia, pediatria e terapia ocupacional possibilita uma compreensão holística sobre as múltiplas dimensões do comer no autismo (Esposito et al., 2023; Monteiro et al., 2020). Tal articulação entre especialistas é indispensável para discernir se a resistência alimentar advém de barreiras motoras, de déficits de processamento sensorial ou de condicionamentos comportamentais, assegurando que a intervenção ataque a causa raiz do problema.

Além do suporte clínico direto ao paciente, o fortalecimento da rede de apoio familiar constitui-se como um pilar de sustentação para o sucesso terapêutico. Considerando que as refeições são momentos de profunda carga simbólica e social, a seletividade severa frequentemente isola o núcleo familiar, impondo um ônus emocional e físico significativo sobre os cuidadores primários (Margari et al., 2020; Plaza-Diaz et al., 2021; Kittana et al., 2023). Por conseguinte, qualquer planejamento terapêutico deve ser precedido por uma análise criteriosa do histórico da criança e das dinâmicas domiciliares, garantindo que as metas propostas sejam exequíveis dentro da realidade cotidiana da família (Esposito et al., 2023; Margari et al., 2020).

No que tange às estratégias práticas, as evidências mais robustas apontam para a combinação entre educação nutricional, protocolos de exposição gradual e sistemas de reforço positivo (Monteiro et al., 2020; Molina-López et al., 2021).

É imperativo ressaltar, entretanto, que os avanços clínicos nesse grupo tendem a ser incrementais e não lineares. A eficácia dessas medidas depende intrinsecamente do estabelecimento de objetivos factíveis e de um alinhamento rigoroso entre a equipe multiprofissional e os pais, evitando o desgaste emocional gerado por expectativas irreais durante o processo de introdução alimentar (Kittana et al., 2023; Santana; Alves, 2022).

Observa-se uma carência de investigações longitudinais que reflitam as particularidades operacionais e os desafios estruturais dos serviços públicos de saúde em países em desenvolvimento (Monteiro et al., 2020; Kittana et al., 2023; Alves et al., 2024). Essa escassez de dados regionais sublinha a urgência de pesquisas brasileiras que validem intervenções adaptadas à realidade socioeconômica nacional, onde a seletividade alimentar frequentemente coexiste com a insegurança financeira e a dificuldade de acesso a alimentos in natura.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Estudos indicam que a seletividade alimentar no TEA é marcadamente superior à de crianças neurotípicas, caracterizando-se por uma ingestão nutricionalmente pobre e comportamentos rígidos (Gama et al., 2020; Moraes et al., 2021). Essa resistência alimentar exige estratégias robustas, visto que padrões rituais dificultam mudanças rápidas. A carência resultante de micronutrientes essenciais como cálcio, ferro e vitaminas pode gerar impactos negativos no crescimento. Ademais, a realidade brasileira impõe barreiras adicionais: a insegurança alimentar e a limitação financeira exacerbam as deficiências nutricionais, tornando essas crianças ainda mais suscetíveis a prejuízos no desenvolvimento.

Para dar ordem a tudo o que foi encontrado nesta revisão, montei um quadro que resume os artigos mais importantes, separando autores, o foco de cada pesquisa e onde foram publicados. A ideia desse resumo visual é mostrar, de um jeito direto, como as metodologias variam conforme o lugar estudado. Esse esforço de mapeamento ajuda a comparar como diferentes países e serviços de saúde estão lidando, na prática, com o desafio da seletividade alimentar e do trabalho em equipe.

Foi feita uma leitura atenta de cada artigo que abordava assuntos com Resultados e Discussões. Para cada artigo encontrado na pesquisa bibliográfica, foi elaborada uma ficha catalográfica com a identificação do artigo (título, nome dos autores, revista, número, página,

ano de publicação, a referência completa), o tema central e os resultados e conclusões mais relevantes de cada artigo.

Os resultados foram organizados de forma clara, didática, por meio de quadros. Após a leitura, organização e interpretação dos dados de todos os artigos incluídos no estudo, as informações foram organizadas em um artigo científico, para que o leitor compreenda a seletividade alimentar em crianças autistas, bem como as estratégias de tratamento mais utilizadas e com maior eficácia.

Quadro 1 – Caracterização geral dos estudos incluídos na revisão (continua)

Estudo (autor, ano, foco)	Fonte (periódico / base)
Alves et al. (2024) – Seletividade e perfil sociodemográfico em crianças com TEA	Segurança Alimentar e Nutricional / SciELO
Ateş-Şahinkaya et al. (2020) – Características maternas e problemas nutricionais em TEA	Revista de Nutrição / SciELO
Brzóska et al. (2021) – Comportamentos alimentares de crianças com TEA	Nutrients / PubMed
Byrska et al. (2023) – Padrões de seletividade alimentar em TEA	Journal of Clinical Medicine / PubMed
Esposito et al. (2023) – Diretrizes para avaliação e intervenção em seletividade em TEA	Int. J. Environ. Res. Public Health / PubMed
Gama et al. (2020) – Revisão narrativa sobre seletividade alimentar em TEA	Revista Artigos.com / CAPES
Kittana et al. (2023) – Revisão sistemática sobre estado nutricional e alimentação em TEA	Nutrients / PubMed
Margari et al. (2020) – Comportamentos à mesa em pessoas com TEA	Neuropsychiatric Disease and Treatment / PubMed

Quadro 1 – Caracterização geral dos estudos incluídos na revisão (conclusão)

Estudo (autor, ano, foco)	Fonte (periódico / base)
Molina-López et al. (2021) – Seletividade, inadequações nutricionais e problemas à mesa	International Journal of Eating Disorders / PubMed
Monteiro et al. (2020) – Revisão sistemática de intervenções nutricionais em TEA	Revista Paulista de Pediatria / SciELO
Moraes et al. (2021) – Seletividade em crianças e adolescentes com TEA	Revista da Associação Brasileira de Nutrição / CAPES
Paula et al. (2020) – Impacto do TEA no comportamento alimentar	Brazilian Journal of Health Review / CAPES
Plaza-Díaz et al. (2021) – Padrões alimentares e ingestão de nutrientes em pré-escolares	Nutrients / PubMed
Rodrigues et al. (2020) – Consumo alimentar e alterações sensório-orais em TEA	Brazilian Journal of Development / CAPES
Santana; Alves (2022) – Consequências nutricionais da seletividade alimentar na infância	Research, Society and Development / CAPES

Fonte: Elaboração própria, com base em artigos indexados em SciELO, PubMed, LILACS e Portal CAPES (2020–2024).

A partir do conjunto de estudos reunidos no Quadro 1, observou-se que a seletividade alimentar se relaciona de forma consistente a particularidades sensoriais, como hipersensibilidade a texturas, temperaturas, odores e aspectos visuais do alimentos, que modulam o modo como a criança percebe e aceita a alimentação (Margari et al., 2020; Esposito et al., 2023).

Crianças com maior comprometimento sensorial tenderam a rejeitar alimentos com consistência heterogênea ou cheiro intenso, preferindo preparações homogêneas e previsíveis, o que limita a oferta de frutas, legumes e verduras (Brzóska et al., 2021; Byrska et al., 2023).

Os resultados também evidenciaram o papel central das famílias, especialmente das mães, na manutenção ou superação da seletividade alimentar, indicando que escolaridade, conhecimento em nutrição, condições emocionais e acesso a serviços especializados influenciam diretamente o manejo do comportamento alimentar (Ateş- Şahinkaya; Acar-Tek; Diguzel, 2020; Paula et al., 2020). Estudos que incluíram ações de educação nutricional, orientação sobre rotina de refeições e suporte para enfrentamento de comportamentos desafiadores mostraram maior ampliação do repertório alimentar e redução de conflitos à mesa (Moraes et al., 2021; Santana; Alves, 2022).

No campo das intervenções, a análise dos dados indicou que abordagens centradas exclusivamente em recomendações dietéticas apresentam resultados limitados quando não articuladas a estratégias comportamentais e sensoriais (Monteiro et al., 2020; Molina-López et al., 2021). Por outro lado, o que realmente tem trazido resultados na prática são os programas que unem a exposição gradativa aos alimentos com reforço positivo e uma reorganização do ambiente. Quando a família participa ativamente desse processo, a chance de a criança aceitar novos itens aumenta e as crises de recusa perdem força (Esposito et al., 2023; Byrska et al., 2023). Percebe-se também um movimento de valorização das equipes interdisciplinares. Nelas, nutricionistas, psicólogos, fonoaudiólogos e outros profissionais não trabalham isolados; eles desenham planos conjuntos, ajustando cada meta conforme o que a criança responde e o que a família consegue, de fato, aplicar (Esposito et al., 2023; Monteiro et al., 2020). Essa união de forças se mostrou ainda mais vital onde há vulnerabilidade social, já que as barreiras de acesso costumam ser bem mais altas nesses cenários (Moraes et al., 2021; Alves et al., 2024).

Os dados também jogam luz sobre como a seletividade fere a qualidade de vida. Restrições muito severas acabam isolando a criança de festas, da escola e de almoços em família, o que gera um peso emocional enorme e sobrecarrega quem cuida (Margari et al., 2020; Plaza-Diaz et al., 2021). Muitas vezes, a exaustão de ter que adaptar cada prato ou lugar faz com que os pais desistam de sair de casa. Por isso, tratar a seletividade exige olhar para além das vitaminas e calorias, alcançando o lado psicossocial do ato de comer (Paula et al., 2020; Kittana et al., 2023).

Mesmo com esses progressos, a literatura ainda esbarra em limitações. Muitas pesquisas trabalham com grupos muito pequenos, métodos que variam demais entre si e acompanhamentos curtos (Monteiro et al., 2020; Kittana et al., 2023). Além disso, há pouca produção científica focada no setor público de saúde, especialmente em países em desenvolvimento. Sentimos falta de estudos que acompanhem essas crianças por anos para ver se os ganhos se mantêm e se a família realmente se sente menos sobrecarregada a longo prazo (Molina-López et al., 2021; Rodrigues et al., 2020).

Em suma, as discussões mostram que lidar com a seletividade no autismo pede uma rede de apoio que não seja fragmentada. É preciso cruzar nutrição, estímulos sensoriais e comportamento, tudo isso embasado em educação para os pais (Esposito et al., 2023; Alves et al., 2024). Este levantamento serve de base para criar protocolos de atendimento mais realistas e humanos, ao mesmo tempo em que deixa claro onde a ciência ainda precisa avançar para melhorar a vida das pessoas com autismo (Moraes et al., 2021; Santana; Alves, 2022).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das produções científicas deixa claro que a seletividade alimentar no autismo não é um detalhe simples, mas um fenômeno persistente e cheio de camadas. Ela mexe diretamente com a nutrição, o crescimento e a forma como a criança se integra na sociedade. O que vemos não são apenas "frescuras" passageiras, mas um comportamento

rígido de recusa e uma necessidade extrema de rotina à mesa. Isso acaba pesando muito no dia a dia das famílias e gera uma demanda alta para as áreas da saúde e da educação.

O que os estudos nos mostram é que esse quadro está amarrado a questões sensoriais, ao controle emocional e até à situação financeira da casa. Por isso, dar apenas uma dieta pronta ou orientações isoladas costuma não funcionar. Sem olhar para o contexto de cada criança e para as condições reais da família de comprar e preparar comida, o resultado é limitado. Fica evidente que o cuidado precisa unir o biológico ao social, tratando o problema de forma integrada.

A síntese do que foi pesquisado aponta que o caminho mais seguro são os programas interdisciplinares. Quando nutricionistas, psicólogos, fonoaudiólogos e outros profissionais desenham um plano juntos, o progresso aparece. Técnicas que unem a exposição gradativa aos alimentos com mudanças no ambiente e apoio constante aos pais ajudam a reduzir as brigas nas refeições e a variar o prato da criança. Além disso, existe um ganho enorme quando a saúde e a escola conversam para apoiar os cuidadores.

Mesmo com o avanço da ciência nessa área, ainda existem buracos que precisam ser preenchidos. Sentimos falta de pesquisas que acompanhem essas crianças por muito tempo para ver se os ganhos duram, além de faltarem estratégias que caibam na realidade das famílias mais pobres. Precisamos de estudos que foquem no serviço público e que tragam provas mais fortes para guiar as políticas de atendimento. Em resumo, este trabalho mostra que o caminho para melhorar a qualidade de vida e a inclusão social dessas crianças passa por entender a comida não só como nutriente, mas como um ato de convivência e afeto.

REFERÊNCIAS

ALVES, B. G. T.; CAPELLI, J. D. C. S.; MONTEIRO, L. S.; SPERANDIO, N.; OLIVEIRA, C. C.; VIVIANI, A. G.; JEAUX, G.; PAES, C. A. Seletividade alimentar e perfil



sociodemográfico de crianças com transtorno do espectro autista de um movimento social de Macaé, Rio de Janeiro. **Segurança Alimentar e Nutricional**, Campinas, v. 30, n. 00, p. e023035, 2024. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/san/article/view/8673758>. doi: 10.20396/san.v30i00.8673758. Acesso em: 17 dez. 2025.

ATEŞ-ŞAHİNKAYA, N.; ACAR-TEK, N.; DIGUZEL, E. The association between maternal features and nutritional problems in children with autism spectrum disorder. **Revista de Nutrição**, Campinas, v. 33, e190217, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rn/a/VKyyyhrgrgRx6DwQjjzT9XS/?lang=en>. doi: 10.1590/1678-9865202033e190217. Acesso em: 17 dez. 2025.

BRZÓSKA, A.; KAZEK, B.; KOZIOŁ, K.; KAPINOS-GORCZYCA, A.; FERLEWICZ, M.; BABRAJ, A.; MAKOSZ-RACZEK, A.; LIKUS, W.; PAPROCKA, J.; MATUSIK, P. Eating behaviors of children with autism – pilot study. **Nutrients**, Basel, v. 13, n. 8, p. 2687, 2021. Disponível em: <https://www.mdpi.com/2072-6643/13/8/2687>. doi: 10.3390/nu13082687. Acesso em: 17 dez. 2025.

BYRSKA, A.; BŁAŻEJCZYK, I.; FARUGA, A.; POTACZEK, M.; WILCZYŃSKI, K. M.; JANAS-KOZIK, M. Patterns of food selectivity among children with autism spectrum disorder. **Journal of Clinical Medicine**, Basel, v. 12, n. 17, p. 5469, 2023. Disponível em: <https://www.mdpi.com/2077-0383/12/17/5469>. doi: 10.3390/jcm12175469. Acesso em: 17 dez. 2025.

ESPOSITO, M.; MIRIZZI, P.; FADA, R.; PIROLLO, C.; RICCIARDI, O.; MAZZA, M.; VALENTI, M. Food selectivity in children with autism: guidelines for assessment and clinical interventions. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, Basel, v. 20, n. 6, p. 5092, 2023. Disponível em: <https://www.mdpi.com/1660-4601/20/6/5092>. doi: 10.3390/ijerph20065092. Acesso em: 17 dez. 2025.

GAMA, B. T. B.; LOBO, H. H. M.; SILVA, A. K. T.; MONTENEGRO, K. S. Seletividade alimentar em crianças com transtorno do espectro autista (TEA): uma revisão narrativa da literatura. **Revista Artigos.com**, v. 17, p. 1–11, 2020. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/artigos/article/view/3916>. Acesso em: 17 dez. 2025.

KITTANA, M.; AHMADANI, A.; WILLIAMS, K. E.; ATTLEE, A. Nutritional status and feeding behavior of children with autism spectrum disorder in the Middle East and North Africa region: a systematic review. **Nutrients**, Basel, v. 15, n. 3, p. 711, 2023. Disponível em: <https://www.mdpi.com/2072-6643/15/3/711>. doi: 10.3390/nu15030711. Acesso em: 17 dez. 2025.

MARGARI, L.; MARZULLI, L.; GABELLONE, A.; DE GIAMBATTISTA, C. Eating and mealtime behaviors in patients with autism spectrum disorder: current perspectives. **Neuropsychiatric Disease and Treatment**, Auckland, v. 16, p. 2083–2102, 2020. Disponível em: <https://www.dovepress.com/eating-and-mealtime-behaviors-in-patients-with-autism-spectrum-disorder-peer-reviewed-article-NDT>. doi: 10.2147/NDT.S224779. Acesso em: 17 dez. 2025.

MOLINA-LÓPEZ, J.; LEIVA-GARCÍA, B.; PLANELL, E.; PLANELL, P. Food selectivity, nutritional inadequacies, and mealtime behavioral problems in children with autism spectrum disorder compared to neurotypical children. **International Journal of Eating Disorders**, Hoboken, v. 54, n. 12, p. 2155–2166, 2021. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/34704615/>. doi: 10.1002/eat.23631. Acesso em: 17 dez. 2025.

MONTEIRO, M. A.; SANTOS, A. A. A.; GOMES, L. M. M.; RITO, V. V. F. Autism spectrum disorder: a systematic review about nutritional interventions. **Revista Paulista de Pediatria**, São Paulo, v. 38, p. e2018262, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rpp/a/ZT9PycTCH22R4yeOI7uw9y/>. doi: 10.1590/1984-0462/2020/38/2018262. Acesso em: 17 dez. 2025.

MORAES, L. S.; BUBOLZ, V. K.; MARQUES, A. C.; BORGES, L. R.; MUNIZ, L. C.; BERTACCO, R. T. A. Seletividade alimentar em crianças e adolescentes com transtorno do espectro autista. **Revista da Associação Brasileira de Nutrição**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 42–58, 2021. Disponível em: <https://www.rasbran.com.br/rasbran/article/view/1762>. doi: 10.47320/rasbran.2021.1762. Acesso em: 17 dez. 2025.

PAULA, F. M.; SILVÉRIO, G. B.; JORGE, R. P. C.; FELÍCIO, P. V. P.; MELO, L. A.; BRAGA, T. Transtorno do espectro do autismo: impacto no comportamento alimentar. **Brazilian Journal of Health Review**, Curitiba, v. 3, n. 3, p. 5009–5023, 2020. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/10562>. doi: 10.34119/bjhrv3n3-083. Acesso em: 17 dez. 2025.

PLAZA-DÍAZ, J.; FLORES-ROJAS, K.; TORRE-AGUILAR, M. J.; GOMEZ-FERNÁNDEZ, A. R.; MARTÍN-BORREGUERO, P.; PEREZ-NAVERO, J. L.; GIL, A.; GIL-CAMPOS, M. Dietary patterns, eating behavior, and nutrient intakes of Spanish preschool children with autism spectrum disorders. **Nutrients**, Basel, v. 13, n. 10, p. 3551, 2021. Disponível em: <https://www.mdpi.com/2072-6643/13/10/3551>. doi: 10.3390/nu13103551. Acesso em: 17 dez. 2025.

RODRIGUES, C. P. S.; SILVA, J. P. A.; ÁLVARES, I. Q.; SILVA, A. L. F.; LEITE, A. F. B.; CARVALHO, M. F. O consumo alimentar de crianças com transtorno do espectro autista está correlacionado com alterações sensório-oral e o comportamento alimentar. **Brazilian Journal**



of Development, Curitiba, v. 6, n. 9, p. 67155–67170, 2020. Disponível em:
<https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/16420>. doi:
10.34117/bjdv6n9-230. Acesso em: 17 dez. 2025.

SANTANA, P. S.; ALVES, T. C. H. S. Consequências da seletividade alimentar para o estado nutricional na infância: uma revisão narrativa. **Research, Society and Development**, Itajaí, 11, n. 1, p. e52511125248, 2022. Disponível em:
<https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/25248>. doi: 10.33448/rsd-v11i1.25248.
Acesso em: 17 dez. 2025.